

# A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração  
AVENIDA RANGEL PESTANA N.º 251  
(Antiga Ladeira do Carmo, 9)

Numero avulso  
Ano

ASSINATURAS:  
\$200 -- Semestre  
10\$000 -- Pacote: 12 exemplares 2\$000

Toda correspondência, vales e registros  
devem ser endereçados à Caixa Postal, 199  
S. Paulo — Brasil

## Centralismo e Federalismo

Entre o Centralismo (expressão máxima do princípio de autoridade organizada no Estado) e o Federalismo (síntese libertária de toda atividade humana) há um abismo intransponível. Não há ponte possível que una ou que, pelo menos, aproxime essas duas formulas de convivência social. Pretender imana-las é de ilusos ou de mentalidades pouco batidas na bigorna da luta social contemporânea. Em princípio, ambas formulas são antitéticas. Não há possibilidade de harmonizá-las, porquanto uma se desenvolve em campo diametralmente oposto à outra. Como conciliar a liberdade com a autoridade? Em que sentido? Não nos parece fácil, a não ser que alguém o faça com sofismas habilmente esgrimidos e especulações filosóficas subtilmente combinadas, que poderão, mais ou menos, embriagar os ingenuos e convencer aos que de boa fé lidam no campo da regeneração da espécie humana. De outra forma não nos é possível compreender esse pedante movimento de pretender conciliar o que, por natureza, é irreconciliável. A realidade das coisas nos evidencia, de uma maneira clara e precisa, que a liberdade é uma manifestação espontânea da natureza em todas as suas florações e que a autoridade não é mais do que o fruto de mesquinhos interesses materiais, gestados e amadurecidos no ventre de uma sociedade fundamentada no ferro e na mentira, como é a sociedade presente. Outro seja o conceito da vida de relação que teriam os propulsores da teoria da centralização se por base de seus estudos tivessem o vasto campo da Natureza, onde todo se produz sem a mínima intervenção autoritária de ninguém e onde, no entanto, se observa um grandioso movimento de simplificação em todos os ramos da atividade humana. É exatamente o contrario do que sucede na sociedade capitalisticamente organizada, que trata de complicar cada vez mais a vida de relação e tornar cada vez mais difícil o entendimento entre os homens. Este desenvenamento que se acentua na sociedade atual é consequência da maior aplicação do princípio de autoridade.

A teoria centralista, que vê no Estado sua maior expressão, não é mais nem menos do que um movimento de depressão econômica, moral e política, provocado pela insegurança do regime capitalista. É mais do que sabido que o sistema capitalista não pode satisfazer, de forma alguma, as múltiplas necessidades humanas. O tempo da expansão capitalista acabou-se. Agora, os capitais concentram-se e os monopólios atingem a sua máxima potência. A propriedade desvaloriza-se à medida que os capitais saem da circulação e o poder aquisitivo do povo restringe-se cada vez mais. Enfim, a miséria invade os lares menos favorecidos, e o desequilíbrio econômico repercute nas altas esferas da política. Consequências: para salvar, temporariamente, o regime de uma provável e imediata catástrofe, os políticos de todos os matizes atiram-se à conquista do poder, não sem ter, antes, alegado que tudo fazem para o bem da família, da religião e da pátria. Essa trilogia — família, religião e pátria —, que os modernos fariseus inscrevem como lema de suas "aspirações", não passa de uma grotesca burla feita ao povo, procurando o intuito que os move é galgar aos cumes do poder, para maior realce da sua vaidade pessoal e, ao mesmo tempo, salvar, na realidade, uma única família: a dos "tristes" capitalistas.

As contrições econômicas que o regime capitalista sofre atualmente representam, de uma maneira extraordinária, nos campos onde os camponeses, em virtude da desvalorização que sofrem os produtos por eles cultivados, vêm-se obrigados, para garantir os meios de subsistência, a abandonar as crumpos e incorporar-se aos rebanhos das grandes cidades industriais, resultando desta emigração esse enorme conglomerado humano que vegeta, a expensas da caridade pública, na opulenta cidade de Nova Iorque, em Londres, Berlin, Buenos Aires, etc. Desta

internas corridas resulta essa terrível concorrência de braços ao menor preço, de que o capitalismo se aproveita para satisfação de seus apetites insaciáveis. Além disso, a higiene, que devia ser um veículo de saúde pública, fica abandonada porque não há possibilidades de poder cuidar desse mister quando a miséria, implacavelmente, a miséria em todos seus contornos.

Ora, tudo isto, é produto direto da centralização, do autoritarismo personificado no Estado. Quando falamos no Estado entendemos de todas as formas por que se apresenta, pois não fazemos exceções: todos eles se fundamentam no princípio de autoridade, isto é, na obediência cega à lei. Poderá o legislador ou a lei codificada interpretar, fielmente, os sentimentos da humanidade e suas necessidades? De forma alguma. Cada povo tem seus costumes, seus habitantes se conhecem profundamente e por essa razão existe esse respeito mútuo não previsto por código nenhum. Como estabelecer relações idênticas entre duas povoações diferentes que possuem costumes e modos de vida diversos? É uma insensatez ou falta de raciocínio pretender moldar a mentalidade humana de acordo com o ponto de vista de um ou de outra dúzia de indivíduos que não tem outra visão a não ser a de pavonar-se como mandões. A lei nunca serviu de laço de união entre os povos; ao contrario foi e é um empecilho às boas relações de solidariedade entre os homens e um fator de discordia entre os povos, dando lugar a que muitas vezes se desencadeiem guerras nas quais se sacrifica a flor da juventude.

Nestas condições, como podemos estabelecer relações harmonicas entre o centralismo, — formula política que tem sua maior expressão autoritária no Estado — e o sistema federalista, — formula não política e que tem como princípio fundamental a liberdade integral do individuo e da coletividade, que respeita os costumes e as tradições dos povos porque são os baluartes da harmonia social?

O sistema federalista, que por sua essência é libertario, não é nenhuma formula ad-hoc que aparece como tábua de salvação da humanidade. Não! O federalismo é uma concepção muito naturalíssima na vida de relação do individuo com a sociedade e vice-versa, princípio que se observa, invariavelmente, em toda a escala animal, incluso o homem. Neste sistema não há formula política nem norma jurídica que estabeleça condições para os homens viverem em sociedade. Não há nada disso. As necessidades materiais, morais e culturais são fatores preponderantes para que os individuos vivam em harmonia e à margem de qualquer convencionalismo legal ou extra-legal. Não é concebível que numa sociedade onde os meios de produção sejam comuns a todos e as necessidades de cada um sejam satisfeitas integralmente, possam frutificar organismos autoritários: estes são próprios de sociedades que tem como princípio fundamental a propriedade privada; seja esta particular ou estatal.

A tendência humana não é para viver amontoados como sucede atualmente: é para viver o mais libertaria e humanamente possível. Quanto mais diminuta for a associação comunal, maior liberdade haverá. Quem é que troça o ar livre e prazenteiro dos campos por esse amontoadado imundo de gazes deletérios que são próprios dos grandes centros industriais? Ninguém. O homem quer aspirar o ar livre; beber a agua purissima que jorra cristalina de entre os penhascos e ingerir alimentos que não estejam contaminados por impurezas de especie alguma. Por estas e outras razões os homens são refratarios por natureza a toda e qualquer manifestação de coação legal ou extra-legal. Daí que a sonhada ponte dos mentores políticos seja uma invenção para melhor iludirem ao povo e o centralismo uma formula para salvaguardar os interesses criados pela burguesia em contraposição com os elevados princípios de humanidade encarnados no federalismo libertario.

M. GARCIA



## A ilusão fascista

Por estarem fechadas ao mundo exterior as fontes de informação, reais e verdadeiras, dos países que estão sob o tacão da ditadura fascista, pois é sabido que a atividade das empresas telegraficas, jornalisticas e mesmo comerciais são controladas pelo Estado não permitindo que deixem transparecer a verdade, os países que se conservam fóra desses governos schincahadores da dignidade humana mantem uma certa ilusão quanto aos efeitos da tirania fascista na vida de relações da coletividade e no equilíbrio social.

Entretanto, a verdade é bem outra. Por maior e mais acurada que seja a vigilância dos aparelhos repressivos do fascismo com relação aos individuos e às instituições, a verdade encontra sempre meio de passar além fronteiras.

Deixando de parte a ausencia da personalidade humana que caracteriza os individuos sob o regime fascista, em que se ficam reduzidos à expressão mais simples da escravidão moral; não abordando mesmo questões de ordem doutrinaria da moral social, passemos a registrar, apenas, a ilusão fascista com respeito ao desemprego. Nas Notas e Informações de "O Estado", um jornal insuspeito porque é genuinamente conservador e burguês, do dia 17 do corrente, encontramos o seguinte pedaço referente à Itália de Mussolini:

"E', porém, na Itália onde a situação mais piorou, em 1932 e 1933, com relação aos dois exercicios anteriores, pois de 425.000 pessoas sem emprego, em 1930, havia, em 1932 e 1933, nada menos de 1.066.070 e 1.019.000 respectivamente."

Isso na Itália. Passemos agora à Alemanha, onde um monstro, que instituiu com elemento de convicção as decapitações à machado, antes de subir ao poder prometeu acabar com os desempregados em 48 horas. Pois bem: agora, em declarações recentsimas, o ministro Goering diz aos 4 ventos que são precisos quatro anos para dar inicio a primeira parte do programa hitlerista.

A miséria na Alemanha aumenta progressivamente. Quanto aos outros beneficos, é bastante lembrarmos, que quasi todos os dias deparamos, na leitura dos telegramas dos jornais diários, ao lado de outras manifestações cavernarias, com noticias de cabeças cortadas a machado como execução de sentenças judiciais. São tantos os esguichos de sangue a salpicar as vestes dos carrascos hitleristas, que custa a crer haja juizes com a consciência embotada ao ponto de não perderem a razão, se é

que a tem, diante de tantos crimes sanguinarios.

E' preciso que o povo alemão tenha sido explorado nos seus sentimentos criminosamente, com tal cinismo, ao ponto de fanatizá-lo a permitir esse delirio de sangue e de morte, que nos faz crer estejam despidos, na Alemanha, de toda e qualquer sensibilidade os seres humanos!

Com tal frequencia rolam cabeças humanas no cêpo da inquisição nazista, que, instintivamente, para encontrar-lhes a semelhança, somos forçados a voltar os olhos para os tempos da barbarie e das ogueiras da Torquemada.

O machado carniceiro, erguido a cada instante sobre a cabeça dos que não querem desprender-se da sua dignidade para escravizar-se aos caprichos de Hitler, levantado pelo braço desse histrião criminoso, tornou-se o instrumento mais convincente do fascismo alemão.

Em Portugal, mais proximo a nós e mais chegado pela lingua, sabemos o que tem sido a ilusão fascista de Salazar.

Varios movimentos revolucionarios irromperam, de grandes proporções, de que se estabeleceu a ditadura de Carmona, como demonstração do desencantamento do povo português.

A vida no campo se torna cada vez mais penosa; os camponeses, arrodados cada dia com maiores impostos, vão sendo reduzidos à miséria mais degradante.

Na Argentina e Uruguai não precisamos falar porque, fronteiras a nós, bem sabemos o que por lá val.

É esse regime de violencias e crimes, que sufoca em sangue as manifestações populares e que se afirma erguendo pirâmides de cadaveres dos seus desafetos; que reduz à expressão de lacaios a todos os seres humanos, é o fascismo que se pretende ensalar no Brasil como remédio ao desequilíbrio econômico e político em que nos debatemos.

Sim, cá e lá, a burguesia sanguinaria, avida de crimes, quer pôr um marco de sangue à marcha do progresso e da liberdade.

E' inutil!

A tendência humana é para a liberdade, e ser livre, completamente livre, será, muito mais breve do que se pensa, uma realidade social, consequencia das palpações e dos anseios anarquistas.

Os tiranos passam e vão manchar as paginas da Historia como Nero, como Carlos IX, como Edoardo VI e como Afonso XIII; só o ideal fica, só a idéia de liberdade continúa a iluminar com a sua antorcha propulsora das civilizações, deixando à margem as consciências dos tiranos a chafurdar no lodo e no sangue das suas victimas.

### CRONICA INTERNACIONAL

## O enigma japonês

A influencia das ideias renovadoras está sendo um elemento decisivo nos destinos humanos.

Até já no Japão quebrou-se o ritmo do respeito e obediência cega aos tiranos do Mikado.

Educado religiosamente para obedecer, o povo japonês, ante a pressão do imperativo categorico dos principios humanos da liberdade, começa a revoltar-se e a conspirar contra as instituições arcaicas dos samurais.

A lenda dá lugar à realidade revolucionaria do século: em vez do "Harakiri", esse suicidio voluntario em holocausto aos deveres impostos por um preconceito absurdo de tirania moral, o japonês, como nas outras partes do globo, já mancha a dinamite redentora contra o secularismo imperialista. Já começa a ver na Fujiyama um fenomeno natural de altitude climaterica e já não se submete à passividade da sua miséria contentando-se com o extase da admiração poetica dos cereais sagrados. Não. Hoje, como os trabalhadores de todo o mundo, o trabalhador japonês vislumbra para além da sua misera condição de escravo, o fulgor da liberdade; ante a imposição dogmatica de uma disciplina moral que o escraviza ao principio de autoridade, simpatizado pelas ideias libertarias de fraternização, o operario nipônico, hoje, grita aos seus tiranos: basta!

E segue a marcha da vida para a conquista do bem estar para todos.

E' o que deduzimos dos telegramas do dia 22, nos jornais matutinos:

### A CONSPIRAÇÃO TERRORISTA DE JANEIRO

TOKIO, 21 (H.) — Foi levantada a prohibição, feita à imprensa de falar na conspiração terrorista descoberta em Janeiro ultimo. Foram presas 730 pessoas, entre as quais se encontram 134 mulheres e o neo-neerlandês Maxwoll Bickerton. Cerca de 60 dessas pessoas foram acusadas de ter linchado dois camaradas extremistas que os denunciaram e tentado linchar cinco outros, assim como de terem tentado dinamitar um posto policial.

E não há pior revolta do que a do escravo que chega a "perder o respeito ao amo..."

**Hoje, ás 20 1/2 horas, realiza-se o festival de "A PLEBE"**

**A vossa solidariedade é necessaria para que "A PLEBE" continue a sua obra. Vêde o programa, noutra parte do jornal e cumprí o vosso dever.**

**ESTILHAÇOS... ESPECIE ORIGINAL**  
(especial para "A Plebe")

Ha plantas parasitas que se ostentam em tronco alheio, ao qual roubam a vida.

De que cinicamente se sustentam, segregando-lhe a vida preciosa.

Animais parasitas: das lombrias aos microbios, nojentos perceções, fados, são os legidos como formigas, gafalhos, satisfazem seus desejos.

Parasitas qual quer, porém, que se vejam. (Lembrando-me a Miséria, o Estado, a Igreja).

Não se compara nenhum à Burguesia!

Se aquela sugam um corpo ás doenas, Estes, via fraternidade, um apenas. Suga o sangue de muitos todo dia!

M. CRASTINO

# O clero em greve

A greve foi sempre um elemento estigmatizado pelas classes abastadas porque se processa fora da lei, e a lei, para os "senhores", é assunto indiscutível, porque representa a vontade da nação.

Racionariam da mesma forma os trabalhadores, se as leis lhes proporcionassem as garantias que proporcionam aos burgueses: boas casas, suculentas iguarias, roupas lindas, cómodos e elegantes teatros, automóveis, passeios, dinheiro, viagens, criadas, etc., etc.

A coisa, porém, não se passa assim. A lei permite ao trabalhador pedir, mas garante ao patrão negar, e fora deste círculo vicioso nada mais se tolera ao intelecto proletário, chamando-se "sentimentalismo" ao seu sofrimento, e "desordem" às suas reivindicações.

Alguns fatos verificados ultimamente evidenciam, infelizmente, que, quando os trabalhadores, quando amparados na greve, fazem valer os seus direitos.

Vive na memória dos que acompanham o movimento internacional, a parede declarada pelos donos e empresários dos teatros, cinemas e outros estabelecimentos de Paris, porque os seus interesses estavam sendo lesados pelas leis.

Mas, a nota sensacional, que certamente terá abalado todos os aparelhos telegraficos que a transmitem, acaba de a dar o clero do Perú. Os padres da vizinha republica, sob a batuta mestra do arcebispo, Pedro Pascual Farlan, declararam a greve geral, por 24 horas, contra a promulgação da lei do divórcio naquele país. Não nos interessa o divórcio, sabido como é, que detestamos o contrato matrimonial por considera-lo amoral, anti-higienico, e contrario á uniao livre de dois seres de diferentes sexos que se amam. O que achamos sensacional é essa cáfila de concessionarios, extremamente abastados, nadando em rios de ouro, metidos dentro de suas igrejas que são verdadeiros sorvedouros de dinheiro, recorrerem á greve para proteger as velhas e carunchosas colunas da "santa madre igreja" que ameaçam cair. A greve, era a unica coisa que esses sábitos não haviam manchado com o lodo que resvala a torrentes de suas consciências negras e corrompidas, esses que recomendam resignação e obediência aos trabalhadores quando estes se lançam em luta para exigir uma cédula de pão a mais. É certo que essa medida em nada altera a "ordem" natural das coisas; só poderão lastimar-se as matronas beatas, azeitadas a receber a extrema unção na escridão húmida das sacristias.

Mas, para estas não ome greve: sempre há, lá no fundo dos templos, uma portinha falsa, onde desliza, nas horas mortas da urbe, a "silhueta" histericamente tremula de uma senhora católica ou alguma "santíssima filha de Maria". Essa demonstração dos vampiros clericais do Perú, essa consagração da beligerancia da greve, é a carta de alforria desse ato de revolta, quando posto em pratica pelos trabalhadores que vivem milenariamente presos á exploração e á expropriação de seus bens e de seus direitos. A declaração de greve pelo proletariado não pôde ter o mesmo resultado que a do clero, em virtude de que não possui "tabernas de negociatas" como são as igrejas e sinos para emudecerem; são braços fortes e fecundos que se erguem criadores de todo o patrimonio social, aos quais se lhe não reconhecem direitos. Quando esses braços se entrelaçam e procuram na greve a consolidação da solidariedade proletária, paraliza a propria vida.

Tremem as barrigas gordas dos capitalistas, mobilizam-se policias e metralhadoras.

Porquê? É a greve dos famintos, dos trabalhadores?

Essa é desordem!

PEDRO CATALO.

# Ideias de reconstrução social

(Conclusão)

É necessário ter uma certa dose de consciência e de conhecimentos históricos, saber como a humanidade vem escalando o caminho ingreme do progresso, passo a passo, luta a luta, conquista a conquista, vagarosa mas ininterruptamente, para se estar certo de que a nossa hora também ha-de chegar num dia mais ou menos proximo ou remoto, mas que chegará com certeza matemática e que as gerações futuras gozarão as delicias dessa transformação social, como nós já também beneficiamos algumas liberdades conquistadas pelos nossos antepassados, para nos mantermos na estacada, afrontando todos os vendavais da reação, todos os furores das castas acomodadas desencadeadas contra os que, impávidos na luta, não cessam de combater aqueles que gozam de privilegios infinitos em detrimento da humanidade sofredora, trabalhadora, expunhada e escravizada.

"Proclamam: "O sindicalismo anula os militantes anarquistas que pensam ir buscar lá e saem tosquidados, pois indo propagar os seus principios e ideais são, pelo contrario, absorvidos pelo interesse e pelo conservadorismo sindical". Pode ser que sim e pode ser que não. Ha exemplos a favor e contra. Vejamos alguns. Na França, por exemplo, os anarquistas que se alheiam da organização operaria, do sindicalismo, do contacto das massas e da convivencia do povo; os anarquistas que se fazem uma grande idéa da sua individualidade, que formam um grande conceito da sua personalidade, anularam-se. Isolados em suas capelinhas, reduzidos a pequenas tertulias literárias no seu desprezo pelas massas rudes e ignorantes, são, desde muito antes de Freud, a demonstração completa das suas doutrinas: só se preocupam com a questão sexual, só estudam e propagam e cultivam a libidinosidade.

Outro exemplo. Agora diferente. Em Portugal, por brigas e incompatibilidades com os socialistas, os anarquistas tinham abandonado as associações de resistencia, que andavam por lá á matroca dos acontecimentos. Um dia, porém, mais orientados, melhor inspirados, resolveram entrar nas organizações e fazê-las caminhar com o progresso e com as necessidades dos trabalhadores. Em poucos anos fizeram maravilhas. O movimento operario tomou tal relevo, tal impulso e tal incremento, que foi preciso chamar os bombeiros Carmona e Salazar para acudir ao incendio e apagar o fogo que ameaçava acabar com a parasitagem instalada no governo e nas repartições publicas e com os exploradores sem entranchas do povo.

Pois bem. Ainda acusam o sindicalismo de outros desvios e culpas. Acusam-no de que todas as religiões e governos e partidos estão criando um sindicalismo sui generis, um sindicalismo amarelo, cristão, católico, legal, etc. E, então, que culpa tem o sindicalismo revolucionario, o sindicalismo verdadeiro, que outros o procurem desfigurar, anular, mistificar? Quem poderá impedi-lo? Quem impediu o surto do socialismo cristão pregado e instituido pelo papa Leão XIII? Seria util que nós tivéssemos o exclusivo, a patente, a marca registrada, o uso unico desse método de luta, ou pelo menos o qualificativo. Mas os inimigos não escolhem armas por malignas e traçoelas que sejam.

Ante um sindicalismo agressivo, educador e revolucionario, criam um sindicalismo tapador, cristão, legal, agua de rosa, pó de arroz, que de sindicalista só tem a máscara, a garua, o engodo com que mistificam os pobres e inconcientes trabalhadores que acreditam em seus pastores e impostores caudilhos, políticos ou sacerdotes. Então, só porque todos o usam para fins diferentes não presta? Numa época em que o anarquismo e o sindicalismo não existiam inventou-se a imprensa. Seria bom que só nós nos utilizássemos dela. A verdade, porém, é que ela serve a todos os partidos e a todas as seitas e a quem mais serviu e serve foi á religião católica e basta saber que o primeiro livro que Gutemberg imprimiu foi a Bíblia.

Vamos só por isto abandonar a imprensa? Só porque serve a todos vamos dizer que não presta e que está desacreditada?

Certamente que o sindicalismo ou as associações de classe ou de resistencia — deem-lhe o nome que queiram — precisa mais do que nunca — preparar-se para afrontar, debater, estudar, resolver e debelar questões prementes e formidáveis que a guerra e a presente crise social que avassala e abala o mundo burguez — capitalista produziu, provocou e avolumou, as quais precisam solução rápida e radical, do contrario a classe proletaria ver-se á precipitada, mergulhada e envolvida numa situação de miséria horrorosa, sem emprego, sem trabalho e sem pão. Não ha outro dilema: ou Revolução ou Escravização. A salvação da burguezia reside na servilização completa e total do proletariado: dar a este um ordenado miseravel, irrisório, para ela baratar o preço dos artigos e poder fazer concorrência aos produtos congêneres mundiais. A burguezia quer vencer as dificuldades, não á sua custa, mas sim á custa do trabalhador, do operario, do pobre sem apoio e amparo. Ela não sonha nem por sombra em diminuir os seus gastos, em renunciar aos seus privilegios de casta e de classe, em abandonar as regalias que lhe conferem a posse do poder, a posse do ouro e a posse das grandes propriedades. Desta forma só tem uma saída. Desapertar para o lado do trabalhador. Como sempre, a corda quebra pelo lado mais fraco.

Desta forma os trabalhadores devem preparar-se para a Revolução. Só esta os impedirá de cair no mais negro cativeiro.

Mas não é só. O sindicato deve ser centro de luta no presente e nucleo de estudo e de preparo para o futuro. Dada uma queda fragorosa da burguezia, dado um abalo na estrutura burguez que a derrube, os trabalhadores sindicados devem estar preparados para que a vida social, a produção e a distribuição de generos alimentícios e outros não sofra interrupção prolongada, o que viria afectar a marcha normal da Revolução. Uma grande metrópole como S. Paulo ou o Rio, se ficasse dias, semanas, sem receber os alimentos frescos no mercado para o consumo de seus habitantes, poderia ser presa das mais complicadas consequências. Depois um país em revolução pode ser vítima dum bloqueio por parte dos países que continuassem aferrados á exploração burguezia. Nesse caso, diante dum perspectiva semelhante, é necessario que cada categoria de operarios saiba e esteja á altura de poder remediar, com generos e materia prima nacional, a falta produzida pela suspensão das importações. Por exemplo, os sapateiros. Seria necessario que tivessem idéias muito nitidas, muito exatas, de como poderiam remediar com couros nacionais, a falta de couros estrangeiros ou quaisquer produtos importados, próprios para a fabricação de calçados.

E o mesmo se diga para cada uma das outras profissões de trabalho util, inadiavel, indispensavel.

A. de Pinho.



# O "revolucionario" Dimitroff

Em discussão com alguns pretensos exemplares (?) do comunismo (á moda da Russia) e aspirantes a Comissarios do povo, mostrei-lhes um topico de um artigo intitulado "O torpe Dimitroff", inserto nas colunas do orgão anarquista "L'Adunata dei Refrattari", que se publica em Nova Iorque, o qual, referindo-se ao processo de Lipsia dizia:

"Na ultima audiencia do processo de Lipsia, quando o mesmo procurador Werner Ibrvia já invocado do tribunal a absolvição dos três imputados bulgaros e, por consequente, não pendia mais sobre a cabeça de Dimitroff o machado da carrasco, o "herói" Dimitroff pronunciou perante os juizes do mais alto tribunal da Germania nazista, estas palavras que devem ser autenticas desde que foram reproduzidas também pelo orgão oficial do partido comunista francês: eu — disse Dimitroff — peço que Van der Lübbe seja condenado por ter agido em detrimento do proletariado.

Estas palavras bastam, de per si, para fazer de Dimitroff, o mais abjeto auxiliar do verdugo, que jamais se tenha mascarado de revolucionario. Um homem que do banco dos acusados se une ao Ministerio Público para invocar, do tribunal fascista, a condenação á morte de um seu co-imputado, pode ter no algebeira, não um, mas mil certificados comunistas; pode ser defendido, aplaudido, exaltado por todas as mochilas de Stalin deste mundo, mas não é um revolucionario, não é um homem de bem: é simplesmente um laçao do carrasco, uma figura abjeta.

Isso pôs em polvorosa os bonifrates de Stalin e é facil imaginar com que cara ficaram, ao verem tratar dessa maneira o seu intangível e invulneravel herói...

Os "primos" explodiram e, na sua fobia mal contida, deitaram falação, desencadeando um formidável manancial de improperios e disparates, próprios de seminario jesuita e de quem adquiriu conhecimentos sociologicos e ideologicos através da leitura de algumas brochuras unguidas pelo ólio santo do Kremlin.

Coerente com o credo de Moscou e com o catecismo que ingeriram, como bonecos e vulgares mentirosos que são, chamaram-nos de policias, presentearam-nos com o labão de caluniadores e tapadores das "massas", concluindo, afinal, que nós, os anarquistas, jamais seríamos capazes de provar qual seria o orgão stalinista francês que teve a audacia de publicar semelhante sacrilegio com relação a Dimitroff.

Pois bem, se os apologistas ferrenhos que falam á boca cheia da "patria proletaria" e da decantada ditadura da (ou para?) o proletariado quizerem desviar, por um momento, a sua atenção, concentrando exclusivamente no campanario do "paraíso moscovita", aí vai a prova, transcrita de "L'Humanité" do dia 17 de dezembro de 1933, pagina 3a, coluna 2a:

"Je tiens á dire, pour terminer, que je ne suis pas d'accord avec les conclusions du procureur général demandant notre acquittement faute de preuves", car elles laissent planer un soupçon sur nous autres Bulgares. Je demande, en consequence, que Van Der Lübbe soit condamné come avant travailé contre le proletariat et que des dommages intérêts nous soient accordés pour le temps que nous avons perdu ici."

O que, em português, significa: "Eu tenho a dizer, enfim, que não concordo com as conclusões

do procurador geral, pedindo a nossa absolvição por "falta de provas", por que isso deixa cair sobre nós, Bulgaros, a sombra de uma suspeita. Eu peço, por consequente, que Van der Lübbe seja condenado por ter agido contra o proletariado e que nós sejamos indenizados dos danos pelo tempo que temos perdido aqui."

A não ser que diante da autenticidade dos documentos queiram obstinar-se em conservar os olhos fechados, eis aí a prova, para que esses pandegos revolucionarios de opereta e ditadores de fancaria façam o mesmo quando nos acusam de policias e caluniadores...

VIRGILIO PESSAGNO

Campinas, 16-5-34

# NA ITALIA Movimento operario antifascista

A situação na Italia piora dia a dia. Enquanto a imprensa fascista se esforça em fazer crer que tudo está indo ás mil maravilhas e que o movimento revolucionario está anulado, as condenações se sucedem, o que nos demonstra que a actividade dos militantes continua.

Ultimamente se celebraram 4 processos nos quais se condenaram 18 trabalhadores a 254 anos de presidio.

Depois do discurso patriótico pronunciado pelo Duce, os operarios das grandes fabricas de Fiação Bona de Boltri, entraram nas oficinas cantando o himno revolucionario Badiara Rossa do qual foi autora a nossa malograda companheira Virgilia d'Andria.

Em Trentino teve lugar uma grande e violenta manifestação na qual os manifestantes gritavam: Abaixo o fascismo! Queremos pão e Trabalho a pesar das detenções, reina intensa agitação.

Por distribuir manifestos contra o fascismo foram detidos numerosos operarios em Padua, Lecce e Ferrara.

É sabido quão difficil é abandonar o solo de Italia convertido numa imensa masmorra da qual só com duras penas pôde escapar-se. Para o consequer os inimigos do regime fascista recorrem a todos os processos.

Dias passados, cinco obreiros se haviam introduzido numa caixa que se destinava á America. Desgraçadamente, ao carregá-la, no vapor, caiu violentamente e se abriu, sendo detidos os fugitivos.

Em Casena, Imola, Florencia e em Romana se intensificaram as perseguições. Numerosos antifascistas e revolucionarios foram detidos.

Na pequena povoação de S. Oreste, da provincia de Viterbo, estalou uma greve que tomou carácter violento. Imediatamente se enviaram de Roma reforço de policia e carabinieri. Porém, todas as povoações vizinhas a S. Oreste se uniam ao movimento e por ultimo as autoridades tiveram que ceder, conseguindo os trabalhadores as melhorias que reivindicavam.

Isto, naturalmente o fascismo não o diz.

H. BARBETTO

De "Nuestra Palavra" de Havana.

# EDITORIAL "A SEMEITEIRA"

CAIXA POSTAL 195

Livros que recomendamos: S. Faure — "Deus Existe?" Dose provas da inexistencia de Deus — Um exemplar, \$500.

J. C. Boscolo — "Verdades Sociais" — 1 volume de 150 paginas, capa a cores, 4\$000.

P. Kropotkine — "O Anarquismo" — 1 volume de 250 paginas, 5\$000.

P. Kropotkine — "A Conquista do Pão" — 1 volume, 3\$000.

Benjamin Mota — "A Razão contra a Fé" — 1 volume, 4\$000.

Maria Lacerda de Moura — "Ferrer — O Clero Romano e a Educação Laica" — 1 vol. de 90 pag., 2\$500.

Abade João Messier — "Abusos e erros do Catolicismo" — 1 exemplar, \$500. Peçam catalogo.

# "NERVIO"

Revista mensal, em espanhol de Critica — Artes — Letras e Sociologia.

Para os inquietos — Para os estu-diosos — Para os desconformes.

Aparece mensalmente. A' venda nas livrarias: Universal, Garraux, Lealdade e Loja de Cultura, ao preço de 1\$500 o exemplar.

Em nossa redação aceitamos inscrições para receber todos os numeros, bem como assinaturas.

Para o interior: Ano. 14\$000; semestre: 6\$000.

Redidos á "A SEMEITEIRA" — Caixa Postal, 195 — S. Paulo.

# HOJE, 26: Festival de "A PLEBE"

ÀS 20 HORAS, NO SALAO CELSO GARCIA, A RUA DO CARMO N.º 25

PROGRAMA:

- 1.º — Palestra pelo camarada Edgard Leuenroth.
- 2.º — Representação, por elementos do Grupo "Teatro Social", do drama em 3 atos, intitulado:

OS FILHOS DA CANALHA.

Durante todo o dia, até ás 20 horas, os convites podem ser procurados em nossa sede, á Avenida Rangel Pestana, 251 (antiga Ladeira do Carmo, 9).



**CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA BRASILEIRA**

**Continuam animados os trabalhos de coordenação e de propaganda**

Conforme noticiamos no último número de "A Plebe", efetuou-se, no sábado p. passado, mais uma reunião plenária dos representantes de todas as organizações de S. Paulo, aderentes aos trabalhos de reorganização da C. O. Brasileira. Foram discutidas as suas bases de acordo, assim como a declaração de princípios que devem orientar a atuação do órgão confederal. Varias foram as sugestões e alvitre apresentados no sentido de esclarecer, completar e esboçar pequenos serões existentes nos mesmos. Por fim ficou deliberado que todas as associações, uniões e sindicatos aderentes em princípio e de fato à C. O. B., devem nomear, com brevidade, os seus delegados-efetivos para a Comissão de reorganização da C. O. B.

Na quarta-feira, dia 23, em nova reunião de delegados, ficou constituído um Comitê Confederal, que conta com a colaboração de todos os camaradas capacitados para o desenvolvimento da propaganda, dando início imediato a um ativo trabalho de correspondência com todos os organismos proletários existentes no país.

Em Porto Alegre, a Federação dos Núcleos Proletários Anti-Políticos publica em suplemento de seu jornal "A Voz Proletária", como portadoras das aspirações da Confederação Operária Brasileira. Nesse suplemento divulga um belo e substancioso manifesto aos trabalhadores, a propósito do dia 1.º de Maio, no qual reivindica os princípios e as diretrizes libertárias para o movimento operário em geral, terminando por dar um viva à Associação Internacional dos Trabalhadores, à Associação Continental-Americana, Confederação Operária Brasileira e ao Comunismo libertário.

**UNIAO DOS A. EM CALÇADOS E CLASSES ANEXAS**

Companheiros: A União dos A. em Calçados e C. Anexas de São Paulo, com sede à rua Quintino Bocaiuva 80, fundada em 1917 e baseada nos métodos de luta sindicalista-revolucionária, comunica a todos os sapateiros e trabalhadores da indústria do couro que nada tem com esses politiquinhos, pescadores de agulhas que, descaradamente, osam falar e formar sindicatos em nome dos arifícios do couro e do calçado.

O passado de lutas e glórias desta organização, após 17 anos de existência, é suficiente para patentear os benefícios que tem proporcionado aos trabalhadores desta indústria.

A margem de toda política partidária, contra o Ministério do Trabalho, esportando todas as reações do patronato e do Estado, os seus militantes tem sabido portar-se à altura de que são dignos.

Companheiros! Nada podemos esperar dos dirigentes dos sindicatos amarelos, que à custa da nossa miséria e do nosso sacrifício pretendem galgar o poder para depois traírem-nos miseravelmente, como já tivemos provas nesse cerco de cavalinhos denominado Assembleia Constituinte.

A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores. Ontem como hoje e sempre, trabalhadores conscientes, os militantes desta organização estarão sempre firmes na luta contra toda a reação, contra todos os governos, porque deles nada esperamos visto que a experiência no-lo tem demonstrado bastantes vezes, e sustentarão a luta enquanto perdurar este odioso regime de desigualdade.

Sapateiros, trabalhadores em couros! O vazio lugar é onde todos o direito de falar livremente e não onde não poderá exprimir o que sentis porque seria fiscalizado pelos agentes patronais.

Dirigimos estas palavras especialmente àqueles que já se deixaram arrastar pelo caso das serenas da política.

Como de costume todas as segundas feiras há assembleias gerais da classe. À rua Quintino Bocaiuva 80, às 20 h 12 horas.

Dia 30, às 20 h 12 horas, reunião dos trabalhadores em carteiros no mesmo local.

N. B. — A comissão Executiva comunica a todos os sapateiros que tenham livros da União, entrega-las o mais breve possível.

A COMISSÃO EXECUTIVA

deliberações sobre o movimento associativo. Este sindicato declara que não fez junção, com outra organização, continuando a defender os princípios do sindicalismo-revolucionário. Nessa reunião será tratado também a publicação do "O Chapeleiro" e outros assuntos da classe.

A COMISSÃO

**LIGA OPERÁRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL**

Aos militantes! A Liga Operária da Construção Civil, vendo a necessidade de ativar a propaganda, faz um chamado aos seus militantes para uma reunião a realizarse amanhã, dia 27, às 9 horas, à Rua Quintino Bocaiuva, 80, para tratar da propaganda em geral.

Se de fato temos amor pela organização, devemos abandonar esta apatia em que nos encontramos e comparecer a esta reunião, para podermos tomar alguma iniciativa no sentido de reerguer a propaganda. Esperamos que este apelo seja compreendido pelos militantes da classe.

A COMISSÃO EXECUTIVA

**UNIAO DOS OPERARIOS METALURGICOS**

Esta União continua nos seus trabalhos de propaganda e de organização. Ainda nesta semana houve uma sessão da Comissão Executiva durante a qual foram tomadas varias deliberações, no sentido de incrementar o movimento associativo da classe.

**SINDICATO DOS MANIPULADORES DE PAO E ANEXOS**

Está marcada para segunda-feira, dia 11 do pr. mês de Junho, uma Assembleia geral da classe para a nomeação da C. Executiva para o 2.º semestre deste ano.

No proximo numero de "A Plebe" tomaremos sobre o assunto.

**"A Plebe" em Santos**

Uma sessão da Liga Anticlerical e reunião da Coligação das Associações proletárias

Conforme foi noticiado no passado numero de "A Plebe", realizou-se no dia 12, nesta cidade, uma sessão publica da Liga Anticlerical, para a posse da sua diretoria.

Havia sido convidada dona Luiza P. Camargo Branco para realizar uma conferência. Essa senhora desempenhou-se desse encargo lendo um substancial trabalho de combate ao clero e fazendo utilíssimas digressões de caráter educativo e social.

Depois foi convidado a falar o nosso camarada Edgard, que também entreteve a numerosa assistência com uma pequena palestra em que estabeleceu o confronto do ambiente em que vivemos, geralmente de renúncia e de covardia: de renúncia à liberdade e até à dignidade de pensar, de covardia pelo desfibramento das energias e pelo terror às responsabilidades.

Foi, pois, uma boa noite de proveitosa propaganda.

No domingo, dia 13, promovida pela Coligação das Associações Operárias locais, efetuou-se, à tarde, uma reunião de propaganda e de protesto contra a pressão industrial sobre os sindicalizados exercida pela City, que despediu quatro operários pelo crime de serem ativos na propaganda da organização da classe e ativos em sua dignidade de homens. Esse é o "caso" mais rumuroso do meio proletário de Santos. O Ministério do Trabalho, para quem apelaram, deu para trás, o que quer dizer que pouco se lhes dá que quatro operários fiquem sem pão e trabalho.

Mas a ilusão da proteção legal aos trabalhadores vai se desfazendo a passo acelerado entre os que mostram nos feudos industriais e comerciais. A ação direta não tardará a retomar a sua posição, da qual nunca deveria ter sido despojada.

O que importa fazer é manter vivo o espirito combativo do proletariado e mandar às lavas, de uma vez para sempre, as tais cartas de reconhecimento que só servem de peias ao livre desenvolvimento das reivindicações sociais.

Durante essa reunião falaram varios oradores locais e também disseram algumas palavras, muito ligeiramente, a professora D. Luiza P. C. Branco e Edgard Leuenroth, de São Paulo.

**"A Plebe" pelos Estados**

**UNIAO GERAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE PERNAMBUCO**

Com relação aos acontecimentos do 1.º de Maio, em Recife, noticiados noutra parte deste numero de "A Plebe", recebemos da U. G. da C. Civil de Pernambuco o seguinte comunicado:

Vimos com a presente levar ao conhecimento dos camaradas do Sul e dos trabalhadores em geral que, tendo esta União lançado um boletim para uma reunião, no dia 1.º de Maio, às 10 horas, esta se realizou dentro da maior harmonia.

Antes da hora marcada já era grande o numero de trabalhadores que se achavam na sede.

Foi dado início à sessão com o canto de a Internacional, falando depois varios oradores independentes comprometidos todos do verdadeiro espirito libertário, que procuraram demonstrar, com conhecimento de causa, a significação da data, lembrando a ação dos martires de Chicago.

Fez-se depois uma advertencia aos presentes de que, estando marcada pela Federação das Classes Trabalhadoras (ministerial e fascista) uma passeata, a União Geral da Construção Civil não tomaria parte na mesma, em vista dos elementos congregados na dita Federação não corresponderem aos interesses dos trabalhadores.

Foi encerrada a sessão cantando-se novamente a Internacional.

O SECRETARIO.

**GREVE DOS PANIFICADORES DE NATAL — RIO GRANDE DO NORTE**

Tendo se declarado em greve os padeiros de Natal para reivindicarem, por intermedio do seu sindicato de classe, algumas melhorias de salario e obterem a regularização das 8 horas de trabalho, o Sindicato dos Operários Panificadores de Natal fez publicar e distribuir varios boletins e manifestos à classe e ao povo.

Em um desses manifestos, rebatendo as asserções de alguns proprietários de padarias, daquela cidade, que preendiam fazer crer ao publico serem sem razão as reclamações dos seus operários, encontramos o seguinte, que transmitimos aos nossos leitores, porque assim ficarão ao par da situação em que se encontram ainda os trabalhadores, daquela região:

AO PUBLICO EM GERAL

Tendo a firma Galvão & Viana, proprietaria da Padaria A. B. C., desta Capital, distribuido um boletim datado de 2 do corrente, declarando ao publico desta Capital "que o mais modesto dos operarios de sua casa recebe em dinheiro, diariamente, a quantia de 3000 (tres mil réis) afora, casa, agua, luz, massas e assucar suficiente para a sua manutenção, e o mais graduado do seu modesto estabelecimento percebe 200\$ em dinheiro mensalmente, além de outros favores que lhe concedem na importância de 1975000", como protesto às suas cavilosas insinuações passamos a fazer uma ligeira analise do dito boletim para se conhecer da má vontade com que esses mesmos senhores, assim procedendo, pretendem nos prejudicar no conceito publico, que com tanta simpatia nos conforta com o seu apoio moral no presente movimento.

Qual o operario que percebendo 3000, casa para morar; agua com fatura, luz elétrica, massas, pão, bolachas, biscoitos, etc., "assucar suficiente à sua manutenção" e de sua familia, teria motivos para reclamar de seus patrões ainda mais?

Eis as afirmativas dos operarios que trabalham na Padaria A. B. C., reafirmando, perante a diretoria deste Sindicato, sob inteira responsabilidade, que dos 3000 diários que percebem pagam aluguel de casa, agua, luz a qerozene, assucar, até as massas aludidas no boletim, tudo comprado na propria padaria.

Alegam ainda existirem proprietarios de padarias que põem um vigia na boca do forno, um caixeiro de sua confiança para que seus operarios não comam bolacha ou pão, e se acontecem comerem alguma coisa é descontado no seu mingauo salario.

Padarias ha que não tem pejo de pagar aos seus operarios 120000 por 7 dias, isto é, 18700 e poucos réis, e que os seus proprietarios ainda acham que pagam muito a um trabalho exaustivo, feito à noite, que não é afinal, dinheiro que pague tantas energias emorgadas.

Outras em cujas condições higienicas é impossivel trabalhar e reclamam a presença das autoridades sanitarias e, o que é pior de tudo, os senhores donos de padarias, para resistirem às nossas reclamações, estão empregando no serviço pessoas estranhas e sem competência em verdadeira ameaça à saúde da população.

A DIRETORIA.

**"A PLEBE" EM LIVRAMENTO**

R. G. do Sul

Por ocasião das comemorações do 1.º de Maio, nesta cidade, foi irradiado, pela Radio Transmissora, um discurso dirigido ao proletariado rio-grandense, pelo dr. Tulio Saboya Chaves, em que se expendem elevados conceitos de justiça e de liberdade.

Não nos sendo possível publica-lo na integra, pois foi-nos enviada uma cópia desse discurso, reproduzimos o seguinte trecho, que bem demonstra o conceito do autor:

"Os governantes te bajulam e acenam-te com leis magnanimas, quando precisam do teu voto na paz ou do teu braço na guerra.

Na paz serves de degrau por onde os politiquinhos sobem e na guerra o teu peito serve de trincheira para resguardar a covardia dos coronéis que atrás de ti se escondem.

E quantos anônimos operarios já perderam a vida de 1923 para cá!

E que vantagens tirou a tua classe do morticínio que sofreu?

Usufruíram dessas vidas os politiquinhos que subiram por cima dos cadáveres dos teus camaradas, politiquinhos de agora que são os mesmos de antes de 1930, mascarados apenas com a mascara do liberalismo no grande carnaval da Republica Nova que já vai durando quasi 4 anos.

Operariado do Rio Grande, é tempo de te organizares definitivamente, não em sindicatos manobrados pelos governantes, mas em sindicatos verdadeiros contra a exploração dos governos, contra a exploração do capitalismo.

Tu não precisas de amparar a quem nada te dá e de ti tudo tira,

Quando não tens trabalho e tens fome, o que fazem por ti os governantes?

E quando, na mais justa das repressalias, saís para a praça publica para protestar contra os teus algozes, os governantes sufocam o teu protesto com as patas dos cavalos dos seus milicianos, pagos á custa do teu suor!"

**CENTRO DE CULTURA SOCIAL**

Rua Quintino Bocaiuva, 80

**CONFERENCIA PUBLICA**

A convite deste Centro de Cultura, a professora d.ª Luiza P. de C. Branco, fará, no proximo dia 2 de Junho, sábado, às 20 horas e meia, na sede social, á rua Quintino Bocaiuva n.º 80, uma conferencia publica sobre o sugestivo tema: "NÃO HA HERÓIS".

Entrada franca.

**OS NOSSOS LIVROS NO INTERIOR**

Os nossos amigos e camaradas do interior podem adquirir os livros e folhetos de nossas edições com os seguintes companheiros:

Rio de Janeiro — Emilio Felipe — Rua Barão de Ubu, 25.

Campanas — Atílio Pessagno — na sede da Liga Anticlerical, á rua Regente Feijó n.º 1045.

Poços de Caldas — A. Vizzoto.

Santos — Anibal Silva — sede da Liga Anticlerical — rua 15 de Novembro, 50.

Recife — S. Miranda na sede da U. G. da C. Civil.

Ponta Porã — Na livraria do sr. Dinarte de Souza.

Floriano (Piauí) — Na livraria do sr. Mateus S. Matos.

Sorocaba — Na livraria Gusmão.

Olimpia — Antonio A. Fernandes.

Miraflores — Aristides Coelho.

Marília — Com o Grupo "Aurora do Porvir".

**UNIAO DOS TRABALHADORES GRAFICOS**

Recebemos o seguinte comunicado que de boa vontade publicamos: Secretaria, 10 de Maio de 1934.

A diretoria da União dos Trabalhadores Graficos de São Paulo envia a presente circular comunicando a mudança de sua sede social, da rua Barão de Parangicaba, 4, 2.º andar, para a rua Três de Dezembro, 47, 2.º e 3.º andares, onde se encontra em ótimas condições.

Continuando, como sempre, com o firme proposito de manter e mesmo de incrementar o intercambio de correspondência, roga ser enviada, tida e qualquer correspondência, para o novo endereço acima.

Saudações proletárias.

pela Diretoria Humberto De Fazio

**Munições para "A PLEBE"**

Contribuições, assinaturas e venda avulsa na redação

Eugenio, 3\$200; José Peres, 2\$000; Festas, 1\$200; Frazz, 3\$00; Arca, 4\$000; Um anônimo, deixou na "A Lanterna", 5\$000; T. Lara, 2\$000; Mirino, 2\$000; porcentagem da venda de um livro, 20\$000; Um sem Patria, 2\$; C. Civil, 4\$; Venda avulsa na rua e na redação, saldo até o n. 62, 152\$600; Agular, por uma coleção de "A Plebe" da fase anterior, 10\$; Um de Gauratinguetá, 2\$; Galoso, 5\$; Turbillano, 5\$; Munhoz, 1\$; M. D'A. 1\$; J. Azadeu, 5\$; Avelino, 2\$; x.x., 1\$; Total, Rs. 230\$000.

**Nucleos de contribuintes**

Cartão n. 7 — Festas, 11\$; Ermanno, 2\$; Pedrinho, 1\$; J. Pinto, 10\$; C. Pim, 5\$; Vinhais, 5\$; Colero, 3\$; Eugenio, 3\$; Alonso, 2\$; Amiguinha Vitória, 1\$; Viadana, 20\$.  
Cartão n. 17, do Camarada Evaristo, 12\$000. Total, 75\$000.

SANTOS — S. de O. Metalurgica, 10\$; S. dos E. Melhoramento, (venda avulsa) 22\$500; Poissegur, 15\$; Sigismundo, 5\$; Távira, 5\$; Total 57\$500.

RIO DE JANEIRO — Lista a cargo de Emilio Felipe, nosso encarregado de cobrança e de angariamento de assinaturas: Armando, 5\$; Hugo, 5\$; Cecilia, 10\$; Gama, 5\$; Noemia, 10\$; Nieva, 5\$; Munhoz, 10\$; Oliveira, 2\$; M. Soares, 10\$; Da. Carmem, 30\$; Freitas de Oliveira, por mãos de A. Silva, 5\$; Total, 92\$000.

RECIFE — U. G. C. Civil, 15\$; Wenceslau, 10\$; Ferreira, 15\$. Total, 40\$000.

CURITIBA — Perinotti, 3\$; Camoese, 1\$; Fernandes, 2\$; Mário, 2\$; — Total, 8\$.

JOSE DEODORO — Delecio, 5\$; Andreotti, 2\$ e Cibil, 5\$; Total, 12\$.  
PIRAJUBI — Padilha, 10\$; Viacino, 10\$ e Apolinario, 10\$; Total, 30\$.

**De varias localidades**

PONTA GROSSA — Dinarte, 10\$; Souza, 10\$; FRANCA, Federação Trabalhista, 50\$; JAU — C. Operário, 10\$; Mariano, 2\$500; CRATO, Ceará, Carvalho, 3\$; Poços de Caldas, Mengarini, 5\$; ITAJUBI, Caleffi, 10\$; RIO CLARO — V. Martins, 5\$.

AGUDOS — Lodoi Prata, 5\$; GRALHA — Flores, 5\$; Blanco, 2\$; E. Fernandes, 1\$; FERNÃO DIAS — Rodrigues, 10\$. Total, 128\$000.

**Brinde "A Plebe"**

Recebemos mais: E. Martins, S. Paulo, 5\$; Bastos, de Santos, em carta, 10\$; do grupo "Emissários do Porvir", do Rio, 25\$.  
A. Fernandes, Curitiba — 10\$000. Total, 50\$000.

De Pompolim, em viagem: Taquaritinga, Centro Operario, 10\$; C. Rodrigues; Poletti, 10\$; Formigoni, 10\$ e Borghi, 10\$. Total, 40\$.  
NOTA: — Em nossa edição anterior, as seções "Munições" e "Balancete saíram com varias incorreções, quer de soma, quer nas discriminações, o que passamos a corrigir:

Seção: Nucleos, a diferença de soma é de 10\$;

Na seção Varias localidades, a diferença é de 17\$;

Na seção Rio de Janeiro, a diferença é de 10\$;

Na soma das "Entradas", a diferença é de 5\$;

Na soma das "Despesas" a diferença é de 100\$.

Outras incorreções e omissões havidas e saídas, estão incluídas neste numero.

Qualquer falha ou omissão que os amigos e camaradas notarem, é favor comunica-la para que seja corrigida.

A vida de "A Plebe" é um livro aberto a todos e todos devem concorrer para a sua perfeição.

**NOSSO BALANCETE**

| ENTRADAS  |                   |
|---|-------------------|
| Contribuições na Redação  | 230\$             |
| Nucleos de Contribuintes  | 75\$000           |
| De Santos   | 57\$500           |
| Do Rio de Janeiro   | 92\$000           |
| Recife  | 40\$000           |
| Curitiba  | 8\$000            |
| José Deodoro  | 12\$000           |
| Pirajubí  | 30\$000           |
| De varias localidades   | 128\$000          |
| Brinde da "A Plebe"   | 50\$000           |
| De Pompolim   | 40\$000           |
| Diferença dos balancetes anteriores                                 | 147\$000          |
| <b>Total</b>  | <b>910\$000</b>   |
| DESPEZAS  |                   |
| Deficit anterior  | 620\$300          |
| Selos para expedição e correspondência                              | 32\$600           |
| Barbante, goma, desconto de vales e percentagens ao cobrador do Rio | 27\$700           |
| Confecção e compilação do n. de hoje                                | 420\$000          |
| <b>Total</b>  | <b>1:100\$600</b> |
| CONFRONTO   |                   |
| Despesas  | 1:100\$600        |
| Entradas  | 910\$000          |
| <b>Deficit</b>  | <b>190\$600</b>   |

# DA ESPANHA LIBERTARIA

(Correspondência epistolar para "A PLEBE").

Depois de alguns meses passados desde que publicamos a primeira correspondência epistolar para "A Plebe", enviada da Espanha pelo nosso camarada Rodolfo Marques da Costa, onde se encontra exilado da ditadura de Caramona e Salazar, recebemos, agora, outra carta sua, que, acompanhada como veio por um bilhete da filha desse nosso camarada, que também publicamos porque nas suas palavras encontramos a firmeza de caráter, a lealdade de coração e a serenidade das convicções que só possuem os que, impelidos pela chama de um ideal nobre, se atiram á caminhada inglória da conquista da liberdade, nos demonstram a razão de ser dessa luta árdua, titânica em que está empenhado o povo espanhol contra a tirania capitalista.

Povo heroico e audaz, conciente dos seus direitos humanos, o proletariado espanhol, como bem o diz o nosso camarada Marques da Costa, vai para a Anarquia.

E até lá não para.

Madrid, 18 de Abril, de 1934

Queridos camaradas:

Tendo chegado ás minhas mãos "A Plebe", e com ela um bilheteinho, no qual parece-me reconhecer a caligrafia de um camarada perguntando por Rodolfo Marques da Costa, decidi mandar-vos estas linhas, para dizer-vos o seguinte:

Meu pai, que esteve preso por ocasião do movimento de Dezembro, foi expulso de Espanha, em Janeiro, depois de sofrer um mês de cárcere. E esteve honrado em França durante quasi um mês. Mas como no país dos Direitos do Homem não estava lá muito seguro da sua liberdade, pois havia sido expulso dali em Dezembro de 31, depois de residir em Paris mais de 3 anos, regressou á Espanha clandestinamente, sendo estado em Madrid algum tempo. Tendo porém sido restabelecido o estado de sítio e novamente feitas numerosas prisões, meu pai, por elementar prudência, abalou daqui. E ha mais de um mês que não estamos em contacto directo. Não obstante, guardo a vossa correspondência — como a que lhe mandam de todas as partes —, que lhe será entregue oportunamente.

Mando-vos de meu pai essa carta, que encontrei entre os seus papeis e que deve ter sido escrita durante a sua permanência em Barcelona — a pesar de datada em Madrid.

Do fato de meu pai não vo-la ter mandado a seu tempo, deduzireis, como eu deduzo, que deve ter sido pela difícil situação em que se encontrava; perseguido, acossado, sempre em sobresaltos e... — o pior! — sem dinheiro para selos.

Aproveito o ensejo para vos testemunhar a minha estima e a de meu pai, mandando-vos um grande abraço.

WILMA MARQUES

Madrid, Fevereiro de 1934.

Queridos camaradas:

São passados quasi dois meses desde que mandei para "A Plebe" a minha última carta — escrita ainda sob a impressão violenta dos acontecimentos de Dezembro —, sem que pudesse ter encontrado disposição e oportunidade para dirigir outra dúzia de linhas...

No cárcere — ainda que sejam "modelos" presidiários destes cárceres de Espanha —, nem sempre se pôde escrever o que se quer... Sabem-no bem os militantes do movimento operário e anarquista do Brasil — sabem-no bem os leitores deste impertinente órgão do pensamento libertário, "A Plebe", cuja história está repleta de violências e de abusos e de arbitrariedades exercidas contra os seus redatores e administradores, pelos representantes do Poder, desde o simples polícia até aos guardas, aos carcereiros, aos juizes, aos desembargadores!

Hoje, havendo recebido a liberdade de antes — a paradoxica liberdade de que gozamos os que somos perseguidos e expulsos de toda parte; tendo podido refazer (não sei por quanto tempo) o lar tantas vezes estragado, senti aquele mínimo de disposição indispensavel, encontrei a oportunidade que esperava para escrever-vos novamente. E aqui estou, desabafando convosco as minhas mágoas e compartilhando e repartindo as mais íntimas alegrias.

Já lá vão mais de 40 dias!... O povo espanhol, numa incoerente exploração de revolta contra o despotismo social-republicano imperante e plenamente identificado com os principios, tática e finalidade anarquista da C. N. T., saiu para a rua, afrontando todos os perigos duma luta desigual contra as forças armadas do Estado capitalista. E lutou com denodo, — lutou bravamente, lutou como lutavam os legendários heróis... com a diferença de que tinha a anarquia, a inspira-lhe, um ideal de emancipação total!

O proletariado espanhol é conciente e revolucionario. Sabe o que quer. Pega em armas e luta, joga a vida no embate que ele mesmo provoca, mas não para se libertar.

O 8 de Dezembro foi isso: um duelo á morte entre duas forças adversas — entre dois irreconciliáveis contendores: o homem-parasita e o homem-produtor. Aquelle reciosso de perder o seu poderio secular; este, desejoso de conquista-

tar a mais ampla liberdade para desenvolver todas as suas faculdades, — o direito absoluto de viver!

Recordo ainda, como se se tratasse dum acontecimento de ha alguns meses, a impressão causada na Europa e sobretudo nas Américas pela Revolução Russa. O entusiasmo era indescrevível nos meios operários e revolucionarios. Eu estava então no Pará. Ha 17 longos anos!... Governava, se não me falha a memoria, Wenceslau Braz...

Todos tinham os olhos postos no Oriente. Da Russia irradiava, brilhante, luminosa como a luz do sol, a ideia de liberdade! O proletariado, por todas as partes, levantava-se em revolta contra o patronato e contra a autoridade governamental. Queria redimir-se! Queria libertar-se, imitando os seus irmãos!...

Mas a Revolução Russa degenerou numa desilusão. O proletariado, que até então esteve sujeito ao jugo imperialista do Czar, inexperiente e pouco pratico, consentiu que se restabelecesse, sob outra forma, "mais democratica" (?) que todas as formas conhecidas, a organização estatal. Em vão resistiram Malin, Voline, Archinoff, Gabrilenko, Kachnikoff, Flechine, Eryantian e todos quantos, sendo anarquistas, se declaravam inimigos de todo e qualquer sistema autoritario. Triunfou o bolchevismo, implantando-se aquela ditadura de classe de que hoje é figura máxima o então quasi ignorado georgiano Stalin...

E recordando o influencia que sobre a juventude daqueles tempos exerciam os acontecimentos revolucionarios russos, compreendo perfeitamente que a mocidade de hoje vibre de emoção e de entusiasmo e de revolta, esperando que em Espanha se materialize o ideal comunista que animou o movimento camponês da Ukraina e a revolta da cidade de Kronstadt contra a "ditadura comunista".

Em França, onde tive occasião de presenciar e sentir a alegria e as esperanças revolucionarias suscitadas pela queda da Monarquia borbónica, em 1931, pude auscultar agora os corações de muitos camaradas, que palpitavam ainda de emoção e esperavam conhecer plena e realmente o desenlace final dos acontecimentos recentes.

Era em meados de janeiro, quando uma "ordem de expulsão" do ministerio Lerroux me obrigou a atravessar os Pireneus em busca de asilo num país de onde havia sido escorraçado dois anos antes... E 20 dias depois, ao regressar, encontrei os jornais do Brasil e da Argentina, que me transmitiam o mesmo entusiasmo, a mesma intensa alegria, vividas com requintes de extrema acidez nas terras de além Atlantico, onde o proletariado e a própria burguesia acompanharam com insuportavel interesse os acontecimentos de Dezembro.

Justificadas são as vossas esperanças, camaradas do Brasil! Em Espanha, os trabalhadores lutam pela Anarquia. Repugnantes-lhes são as soluções autoritarias propostas pelos partidos de esquerda. Nem radicais socialistas, nem socialistas, nem comunistas-bolchevistas tem ambiente propicio para realizar um movimento seu, dizes. O povo quer ser livre — inteiramente livre! A epopeia do ultimo mês do ano findo prova-o, prescindindo de sofismas.

Como no Alto Liebrégat, na Rinconada e em Casas Viejas, antes e durante o 8 de Janeiro, o Comunismo Libertario foi proclamado no dia 8 de Dezembro ultimo em mais de cincoenta povoações de Espanha: Zaragoza, Logroño, Arnedo, Alcalá de Gurría, Gurré del Gallego, Alcampel, Haro, Labastida Barbastro, Brión, San Asensio, Calasanz, San Vicente de la Sonsierra, Cenicero, Fuenmayor, Albacete de Cinca e Velilla de Cinca, Valderrobles, Beceite, Más de las Matas, Alcoriza, Fabero de León, Espinareda, Arganza, Cacabelos, San Juan de las Matas Larcido, Penedo, Utrera, Villanueva de la Serena, Olesa de Montserrat, Hospitalet, La Zorrassa, Bujalance...

Em todas essas povoações (algumas das quais são cidades importantes) o proletariado espanhol viveu de intensa luta contra os privilegios de classe, proclamando a Liberdade, o comunismo, a Anarquia!

A Reação conseguiu impedir, durante muito tempo, que fossem publicados detalhes acerca dos acontecimentos revolucionarios em que a C. N. T. e a F. A. I. demonstraram mais uma vez o

# A PLEBE

S. PAULO 26 de Maio de 1934

## E' COS DO 1.º DE MAIO

Dois aspectos da sessão solene realizada pela Federação Operaria de S. Paulo, na véspera do 1.º de Maio, no Salão Celso Garcia.

Estas mesmas fotografias, que foram tiradas para um matutino



no desta capital, saíram depois, com geral surpresa, numa revista do Rio, como sendo aspectos da reunião realizada no Palacio das Industrias.

Equivoco ou má fé?



NO RIO: — Na praça Onze de Junho, quando se comemorava, com um comício, os acontecimentos de Chicago, os policiais provocaram um conflito. Houve troca de tiros e ficaram feridas muitas pessoas. Como se vê, no Brasil a questão social ainda continua sendo um caso de policia.

Demonstrando uma criminosa parcialidade, as autoridades permitiram que os nazistas alemães, uniformizados, afrontassem os brios das classes proletarias do país, com manifestações festivas, de caráter politico, enquanto procuravam sufocar reacionariamente as manifestações dos proletarios livres.

NA BAIÁ: — O proletariado baiano, infelizmente, ainda não se compenetro das verdadeiras finalidades do movimento operario.

No dia 1.º de Maio, como se se tratasse de uma festa, inauguraram o retrato do sr. Getulio Vargas, que é um governante como todos.

O "Diario da Baía", com a melhor das intenções embora, sugere a ideia da criação de um monumento ao trabalho.

Dentro da sociedade capitalista, o monumento ao trabalho, como os monumentos á liberdade e á fraternidade constituem afrontas á miséria dos trabalhadores.

No monumento ao trabalho, não seria difficil encontrarmos, a dormir, homens sem trabalho, mulheres sem pão e crianças sem abrigo.

EM MINAS: — Em Belo Horizonte foi comemorado o 1.º de Maio pela Federação do Trabalho, Sindicato dos Sapateiros e União Internacional dos Garçons.

E pena que tivesse a desvirtuar a significação dessa data, o cunho official do famigerado Ministerio do Trabalho, órgão da burguesia e, consequentemente, anti-proletario.

Ainda em Belo Horizonte, durante as comemorações do 1.º de Maio foi

seu valor, a sua potencialidade o seu prestigio, cada vez maiores. Mas os nossos jornais e as nossas revistas começaram a publicar dados, notas, relatos, artigos, descrições, mandacets de toda a parte não tardando que possamos ter reconstituída, a historia rigorosa da passada insurreição.

E confirmando o que vos disse na minha anterior carta, vamos constatar do dia a dia, que não ha força humana capaz de dissolver a C. N. T.!

Estas três letras já não representam somente uma organização. São o reflexo dum ideal de redenção. Traduzem o pensamento, os desejos, as aspirações dum povo que quer ser livre e que não se detém nem um só momento na marcha que empreendeu para a consecução desse ideal.

RODOLFO MARQUES DA COSTA

valentemente combatido o integralismo e as tendencias fascistas do momento capitalista.

Em Uberaba, também foi comemorado festivamente o 1.º de Maio. Houve musica, falação de bachareis e declamação de versos por lindas burguesinhas... inofensivas.

NO PARANA: — Os jornais relatam que se revestiram de grande imponencia as comemorações do 1.º de Maio em Ponta Grossa.

No Centro Operario Civico e Beneficente, daquela cidade, falou um delegado da Federação Operaria do Paraná.

Em Santo Antonio da Platina também foi festejado com doces, musica, hino nacional, etc., o 1.º de Maio.

Os jornais de lá comentam, lamentando que os operarios daquela localidade não estejam compenetrados ainda da significação desta data proletaria, pois quasi todos trabalharam.

EM PERNAMBUCO: — Por motivos do incidente provocado pelos policiais, em Recife, e que publicamos em correspondência especial, deixou de fazer a conferência anunciada para o Teatro Santa Isabel o camarada dr. Cristiano Cordeiro.

NO RIO GRANDE DO SUL: — As comemorações do 1.º de Maio, no Estado sulino, apesar da influencia politica que, infelizmente, predomina no seio das organizações filiadas a Federação Operaria do Rio Grande do Sul, cujo passado constituiu uma bellissima pagina do movimento operario do Brasil, agora desvirtuado pelos "camelots" do Ministerio, foram iniciadas pela F. O. R. G. S. com um congresso operario, no qual se fizeram representar as organizações de muitissimas cidades do Estado riograndense.

Em Tapes, o Sindicato dos Trabalhadores de Enzenhos, comemorou os martires de Chicago com um solene e górdio churrasco, regado a finos liquidos, e levado a efeito nos armazens da firma Edmundo Dreher & Cia. O nosso protesto.

EM SANTA CATHARINA: — Em Laguna, a Festa do Trabalho foi comemorada religiosamente...

EM ITARARE: — Est. de S. Paulo: Na legendaria Itararé, donde hade vir o Cavaleiro do sr. Plinio Salgado, o 1.º de Maio foi comemorado com uma farra de jazz acompanhada do respetivo baile. Os trabalhadores desta localidade ainda não sabem que o 1.º de Maio é um dia de luta e de protesto.

EM NITERÓI: — Est. do Rio: A Federação proletaria do Estado do Rio promoveu uma passeata pelas ruas de Niterói, da qual os jornais publicam interessantes clichés. Também o Sindicato dos Trabalhadores

em Transportes de Niterói comemorou a data com uma sessão solene, onde falaram varios oradores, com referencia á data.

—(\*)—

### DO NORTE REBELDE

No feudo do sr. Lima Cavalcanti, depois de ter a policia dado licença para a realização de um comício, no dia 1.º de Maio, as forças policiaes atacam, com cerrada fuzilaria, os trabalhadores em praça publica.

O 1.º de Maio em Pernambuco foi bastante tragico; foi a prova provada da tendencia fascista dos mandões desta terra feudal, demonstração da tirania do regime em que vivemos, que seria uma proveitosa lição se o proletariado quizesse aproveitá-la.

O que se passou é indescrevível, tal a infamia do ato criminoso praticado pelas forças policiaes.

Vamos resumir-lo em linhas gerais: A Federação Regional das Classes Sindicalizadas, desta cidade, afim de comemorar o 1.º de Maio, organizou um programa, para a execução do qual pediu licença ao governo do Estado.

Desse programa constava um comício na Praça Artur Oscar. Para a sua realização a Federação convocou ao povo, organizando-se uma passeata puxada por duas bandas de musica, sendo uma da Força Publica, cedida pelo governo estadual e a outra do exercito, cedida pelo general Manoel Rabello, comandante da 7.ª Região.

Puzeram-se em marcha, na melhor ordem, com destino ao Teatro Santa Isabel, onde o dr. Cristiano Cordeiro, deveria realizar uma conferência.

Quando a passeata chegou á rua João Pessoa, fez-se uma parada, porque um orador, que já estava inscrito, ia falar. A policia não o quiz permitir, no que foi atendida. Mas quando o orador ia explicar as razões porque não falava, ouviu-se um tiro, e logo a seguir irrompeu contra o povo cerrada fuzilaria, á queima-roupa, pondo tudo em debandada e deixando na rua varios mortos e um numero inculcavel de feridos.

Dessa fórma, atraçando os trabalhadores com essa falta de dignidade que caracteriza os governantes, a policia impediu a realização do comício da tarde.

Apesar disso, no entanto, á noite, as comemorações do 1.º de Maio tiveram grande significação, tendo a Construção Civil realizado uma sessão que foi bastante concorrida e na qual falaram varios oradores, que se referiram á data, esclarecendo o seu significado como protesto e como dia de luta pe'a liberdade.

O CORRESPONDENTE